



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 9 de Abril de 1977 * Ano XXXIV — N.º 863 — Preço 2\$50

Obra de Rapazes, para Rapazes. pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Director: Padre Luiz

Páscoa

«Senhor, que em toda a comunidade humana o Irmão seja ajudado pelo Irmão — para que sejam, assistindo Tu, uma cidade firme.»

Não canta ainda aleluias a prece que a oração da tarde do IV Domingo da Quaresma nos propõe, mas é verdadeiramente um fundamento para elas, para que nós as possamos cantar na alegria da vitória da Vida sobre a morte, nesta hora da História que teria ao seu alcance tantos valores para festejar a vida — e nem esta é festival!

«Uma cidade firme» — Onde, em todo o espaço da Terra, viverá a comunidade humana que possa considerar-se firme? (Que o dicionário também traduz por forte, robusta, saudável, duradoura.)

Estados poderosos, duros — há-os, com certeza. Mas serão

firmes, no sentido da prece, as comunidades humanas que os constituem? Serão fortes, saudáveis, felizes?...

A condição é esta: «que o o Irmão seja ajudado pelo Irmão».

Talvez por aqui se chegue ao diagnóstico da fragilidade que caracteriza a cidade dos homens ditos civilizados, porquanto parece que, se há sob a face do Sol sociedades firmes, estas se encontrarão mais facilmente entre os povos primitivos, mais próximos da Natureza e, por instinto e coração, do Criador.

O alicerce da Paz é a Justiça. Mas não a Justiça estrutural, abstractamente perfeita...

e utópica sem a dedicação de cada homem à divina tarefa de realizar-se justo.

Nenhuma cidade de homens será justa enquanto os seus cidadãos se não convencerem de que depende deles o chegar à meta e se decidirem a caminhar para ela.

Dir-me-ão: outra utopia! Sim, o Homem por si mesmo não é capaz, não é suficientemente firme para firmar a comunidade que integra. Porém a prece diz o resto, exactamente o que desfaz a utopia e a torna possível: «assistindo Tu». Tu é a Palavra de Deus por Quem tudo quanto existe é. Tu é o Filho que Se fez Homem e entrou na História para vencer a morte e ficar vivo no meio dos homens, Ele que é a Vida, a fonte da Vida. Tu é o Emanuel, o Deus-connosco, a quem do pequenino foi dado o nome de Jesus, o Salvador.

Onde está Ele? Quem conta com Ele, com a Sua presença física, mesmo entre os que se confessam crentes nEle e Seus discípulos? E no entanto é presença física o que quer dizer astante, como reza em latim

Cont. na 4.ª pág.

CALVÁRIO

● O telefone soa. Estremeço ao ouvi-lo. Metade das vezes que ele roça no, meus ouvidos é para narrar histórias de Doentes perdidos, pelos recantos, tantas vezes aprazíveis, deste jardim à beira mar. Costumo respirar fundo para ganhar forças. Fixar-me bem ao solo para não sucumbir ao drama que vou escutar.

Este agora é dos arrabaldes do Porto. Uma situação mais, igual a tantas. Pobre velhinha, posta fora do hospital, precisa de leito para morrer e de mãos, amigas, mas disponíveis, para a ajudar no transe que pode durar ainda algum tempo.

Quando dou por mim, tenho dito um sim. Arrependo-me, mas está dito. Tenho de fugir do telefone. É o meu maior inimigo.

Mas as cartas também me assustam. Ai as cartas! Não as de bater na mesa do jogo, mas as que tantos me enviam. Não raro, tremo ao abri-las. Trazem recado, amargos, dores sofridas em abandono, ânsia de acolhimento. Não são fáceis de ler, porque a literatura que nelas aflora é vida, muitas vezes em agonia.

Do Hospital de S. João vieram hoje duas. Esta fala de velhinha octogenária, de fêmur fracturado, escariada já e sem família. Estoutra, de mulher ainda nova, com carcinoma em estado avançado, a quem o companheiro de vida participa e de viva voz, que não a recebe mais em casa.

Temos que abrir as portas para elas entrarem e ganhar forças para as ajudar.

Ma, se fujo à leitura de algumas cartas que me parecem mais negras, já não é tão fácil escapar aos que se atrevem a entrar porta dentro, para aqui despejarem toda a aflição que transportam de longe no peito ofegante.

Vivemos dias verdadeiramente esmagadores, até porque temos consciência de muito pouco resolver, resolvendo.

Continua na TERCEIRA página



Que significativa imagem pascal nos oferece o largo fronteiro à nossa Capela de Paço de Sousa!

Tribuna de Coimbra

● Foi logo de manhãzinha. A pobre mãe aflita trazia pela mão um dos onze filhos que tem. Vinha para recebermos em nossa Casa quatro dos filhos. A Casa da Infância recebeu-lhe algumas das meninas.

Já vivem em casa própria, mas ficou muito deficiente. É térrea e muito húmida. Foi construída por suas mãos, aos poucos. Tiveram algumas ajuda e nós ajudámos também.

O marido era emigrante. Numa das viagens teve um desastre e ficou inválido. Têm de subsídio mensal 2.200\$00.

Esta pobre mãe vinha mal vestida e pouco limpa. O filhito trazia a cara, nariz, olhos e ouvidos muito sujos; olhar morto e sinais de deficiência mental.

Dissemos-lhe da nossa incapacidade de atender o seu pedido. Demos-lhe alguma coisa para o pão daquele dia e para as viagens e regressaram a casa.

● No fim da Missa naquela igreja da cidade onde fomos falar e pedir, procurou-nos outra mãe. Já tinha tentado falar-nos, mas não tinha conseguido.

O marido abandonou-a e aos três filhos. Conseguiu um emprego modesto na cidade e pode ter a pequenina com ela, mas não encontra quem lhe receba o de dez anos.

Agradeceu delicadamente a nossa resposta e retirou-se ainda mais triste. Deixou-nos mais amargura na alma.

● Foi no domingo, já noite dentro, quando regressámos a Casa, depois de um dia sem momentos livres. Estava um grupo à nossa espera por causa dum menino da sua terra. O pai abandonou-o e vive em parte incerta. A mãe abandonou-o e vive na cidade. O filho ficou e anda por lá e dorme na cabina

Continua na QUARTA página

PELAS CASAS DO GAIATO

Lar de Coimbra

Eis que mais um período escolar tem o seu fim tão desejado para a maioria dos estudantes.

Para nós, e para muitos outros cujas férias não são para descansos, ócios ou passatempo, a chegada destas não é tão satisfatória. Bem, eu escrevo tal pensamento porque é realmente o que nos acontece. Os estudantes, que não fazem grandes coisas, para eles um pequeno esforço cerebral, que por vezes nem se chega a realizar durante uma época de aulas, para estes que sabem que têm após o termo de um período escolar lindos dias de pândega e boa vida pois, a vinda das férias não lhes causa grande «ohaticé».

Mas agora há outros, outros que após um período de actividade intelectual têm um período de actividade de trabalho físico.

É isto o que nos acontece. E por isso nos pode custar deixar a vida de estudante, de porta-livros debaixo do braço.

Depois de um vai-vem contínuo de casa para a aula e vice-versa, quebra-se esta monotonia pela vinda de todos para a Casa-Mãe. Lá, esperamos uma quinta ou por outra, várias quintas, bastas, que precisamos de braços que as cultivem.

Pois custa muito, é «chato» o trabalho. Se assim fosse, estava perdido o mundo! Nós sabemos o que temos a fazer e sabemos cumprir!

Ainda estamos à espera da chegada (que parece difícil nesta estação primaveril) de uns dias propícios para a sementeira das nossas tão desejadas e apetitosas batatas.

Se queremos para amanhã temos que semear hoje.

Benjamim

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

PENSÕES DE REFORMA — Ela é uma humilde vendedeira ambulante. Agora, muito doente, está na curva descendente.

Em tempos longínquos requereu a sua inscrição na Caixa, a fim de poder receber a pensão de reforma; enviando, inclusive, um pé-de-meia referente a contribuições indispensáveis para o efeito.

Aflitíssima com a excessiva demora e o silêncio da resposta, a pobre mulher aborda-nos, entretanto. Já escrevemos à ex-Caixa de Previdência dos Comerciantes integrada na Caixa Nacional de Pensões. Mas o silêncio continua!

O impasse é grave, na medida em que, pelo menos, ela não será indemnizada do desgaste nervoso — com a agravante de ser cardíaca... E, por este andar, talvez só receba a pensão depois de dar a alma ao Criador!! Conclusão: como a pobre mulher já não pode mais, são os nossos leitores a botar-lhe a mão...!

Eis a (im)Previdência que nos serve!

PARTILHA — Os nossos leitores continuam a dar a mão aos Pobres com muita generosidade. Quase não vem dia ao mundo sem donativos dos quatro quadrantes! E todos com muita discrição.

A abrir, temos 100\$00 de Ovar; um bom amigo que pede «uma Avé-Maria por alma» de sua esposa. Por intermédio do Espelho da Moda, 500\$00 da assinante 13519; e mais 100\$00 da rua Faria Guimarães.

A remessa habitual de um anónimo de Lisboa:

«Devido a doença, não enviei em Fevereiro o costumado vale de 100\$00. Agora, que me encontro melhor, envio 250\$00 correspondentes ao citado mês e de Março, acrescidos de 50\$00 porque estamos próximos da Páscoa.»

Mais 75\$00 da assinante 5687, de Lisboa. «Ignorante», de Cantanhede, 70\$00, Coimbra, 500\$00 em vale do correio «para alguma necessidade urgente dos Pobres e peço desculpa da insignificância». Sassoeiros, 50\$00. Velho amigo da rua N. S. do Leite, Braga, o dobro. Porto, 200\$00. «Reconheço que é pouco o que vos mando — afirma a nossa leitora — para acudir a tanta miséria, mas Deus permita que eu possa mandar mais». Voto cristão. O mesmo da rua António Cândido, Lisboa.

Mais 50\$00 de Tomar. O dobro de algures, com a legenda de sempre: «não é preciso pôr o meu nome». A procissão dos Anónimos!

Uma remessa oportuníssima da rua Actor Robles Monteiro, Lisboa. Sempre que possa, faça na mesma. Obrigado. 500\$00 de Oliveira do Douro, com Mensagem:

«Neste tempo da Quaresma ouso pedir uma oração para que as bênçãos do Céu desçam sobre todos nós; e que essas bênçãos nos encontrem preparados nos caminhos de Deus, o que o mesmo é dizer no caminho da Felicidade autêntica que não engana e não acaba.»

Palavras de Vida Eterna!

Júlio Mendes

Paço de Sousa

COLISEU — Como vem sendo costume, todos os anos quando chega a data festiva do Coliseu, toda a Comunidade vai visitar os velhos Amigos do Porto.

Saímos daqui por volta das 19 horas. A viagem foi bastante alegre, pelo menos na camioneta onde seguiu. Era cantar até não poder mais.

Quando chegámos e para depois não causarmos transtorno aos espectadores, fomos fazer as devidas necessidades.

Quando a sala começou a ficar cheia, deu-se início ao espectáculo.

Estou também certo que todos aqueles nossos Amigos que se encontravam no Coliseu gostaram da nossa Festa.

No final, dirigimo-nos todos ao palco, onde o sr. Pe. Carlos fez um

pequeno comentário final e assim terminou a Festa.

Engraçado era ver os «Batatinhas» cada qual a puxar para si as sacas maiores dos rebuçados que, mais tarde, foram distribuídos igualmente por todos.

As calorosas palmas dos Amigos do Porto não faltaram. Esperamos também, que no próximo dia 24 de Abril, não falem à «matinée», que fechará a nossa digressão artística pelo Norte do País.

PRIMAVERA — Começou a Primavera. Não com flores mas porque o dia marcado chegou.

A chuva era demais! Mesmo assim ainda têm caído algumas pingas só para aborrecer o «parceiro».

Temos tido uns dias aborrecidos; vem sol, não vem, não percebo nada.

Já estamos cheios de chuva até aos olhos. Agora o sol...

As árvores começam a mostrar os primeiros rebentos; e nós com chuva!

Os botões das roseiras querem florir e nós com chuva! Só chuva, só chuva; isto até parece mentira!

AUTOMOBILISMO — A nossa avenida agora passou a ser invadida pelos nossos «mini-motoristas», que, com os seus «carros» de rolamentos e madeira, aí vão eles avenida abaixo.

Onde vão eles buscar os rolamentos é que eu não sei!

Outro dia, o «Atalaia» e o Amândio andavam um atrás do outro. Combinaram fazer uma corrida. O «Atalaia» que não é nada parvo, arranjou maneira de chegar ao mesmo tempo que o Amândio; atou uma corda ao carro do Amândio para os carros deles irem sempre a par!... O certo é que, como eles, muitos outros por lá se divertem nas horas livres.

Qualquer dia vamos ter azar! Os «carros» não têm travões nem matrícula...

«Marcelino»

A venda do jornal no Norte do País

É a quarta vez que escrevo para o «Famoso». Vou, pois, falar-vos da venda do jornal no Norte do País, especialmente no Porto.

Para o Porto vão 4.800 jornais. E, também alguns vendedores para Braga, Aveiro, Espinho, Viana, etc. A venda no Porto é feita da seguinte maneira: Na quinta-feira à tarde, saem de Paço de Sousa os vendedores de sexta e são eles o «Spinola», o «Rebuçados», «Rolinha» e Avelino, que vendem cerca de 1.050 jornais.

No sábado, os restantes partem às 7 horas da manhã e seguem para o Porto. Eu, «Salsichas», já levo os 100 jornais e fico em Valongo; só vou para o Porto no mesmo dia à tarde. Chegam os outros ao nosso Lar, almoçam e no fim recebem 100 jornais cada um e depois de os receberem cada qual vai para a sua zona.

O «Campanesa», para a Praça da Liberdade; vende lá muito bem.

O «Faniqueira» para Vila Nova de Gaia onde tem pessoas amigas que o acolhem com carinho e amizade. Costuma despachar todos os jornais que leva.

O «Faneca» vende bem na Batalha e também tem muitas pessoas amigas que o esperam.

O Mendão vai para Aveiro na quinta-feira, leva 430 e passa-os todos. Pois, também é um dos melhorzitos.

O «Rolinha» é o que despacha mais jornais; tem a venda de sexta-feira e em conjunto vende 500.

O «Rebuçados», cerca de 450.

O «Spinola» tem a venda de sexta, vai a Ermesinde e em conjunto passa 430.

O Avelino tem a venda de sexta e, no Carmo; em conjunto anda à volta de 400.

O Jorge, ao sábado, está no Carmo, no Bolhão e em S. Mamede; cerca de 200 jornais.

O «Algárvio», ao sábado, vai à

Boavista e igreja de Nossa Senhora de Fátima; 200 jornais.

O «Riera» vende em Espinho, leva 200 e não traz nenhum.

O Escalreira segue para a Póvoa de Varzim; leva 170 jornais e despacha-os todos.

O «Rouxinol» é de Braga; leva 200, não os consegue vender todos porque, no sábado, os Bancos, as Caixas, etc., estão fechados.

O Emílio caminha para Viana do Castelo com 100 e, depois, vem para o Porto vender no domingo.

Eu, «Salsichas», fico em Valongo, como já disse; levo 100, consigo-os vender e tenho pessoas amigas que me acolhem com muita amizade.

O «Cascais» vai para as Antas e, no domingo, para o Marquês; à porta da igreja passa 200.

Por agora não vos tenho mais nada a dizer acerca da venda no Norte. Despeço-me até à próxima vez e um grande abraço deste vosso amigo

Carlos Manuel de Matos («Salsichas»)

Preços europeus?!

A Associação das Indústrias Gráficas tornou público um comunicado em que manifesta viva apreensão pelo agravamento dos preços do papel que, de Junho de 1976 a Junho deste ano, será da ordem dos 100%!

«Com efeito, no passado dia 1 de Março o Governo determinou o agravamento dos preços de venda das principais pastas de papel às indústrias de celulose, no mercado interno. Como consequência, os vários tipos de papel» (incluindo o de jornal, que continua a escassear e a ser olvidado!) sofreram agravamento de preços oficiais entre 23 a 40%!

«Entretanto — continuamos a citar — a Portaria n.º 22/77 que determinou estes aumentos, prevê já novos aumentos para Julho próximo!!

Espiral inflacionista que não entendemos. Madeira portuguesa, trabalho português...

Em face desta situação, os empresários do sector de Artes Gráficas «considerando-o em crise estrutural, a par de dificuldades conjunturais, vêem as suas empresas em risco de paralisar, a curto prazo, por falta de disponibilidades financeiras para compra de matérias-primas».

No meio deste imbróglio, mais uma nota paradoxal: «O sector de fabricação de papel atravessa um bom momento estando as principais fábricas do País a exportar significativas quotas da sua produção total e o mercado interno começa a sentir falta de vários tipos de papel; não falando do papel de jornal...

Casa de ferreiro espeto de salgueiro?!

A Associação das Indústrias Gráficas conclui: «Não se pode compreender que no Portugal-77 as empresas produtoras de matérias-primas (pastas e papéis) exportem largas faixas da sua produção sem assegurarem previamente o abastecimento dos sectores a jusante, que sem essas matérias-primas não poderão laborar. Não se pode compreender em qualquer sistema económico, muito menos quando os principais produtores destas matérias-primas são empresas estatizadas (ou com participação estatal) e o sistema económico vigente se pretende planificado».

Um dos nossos, quando nos debruçamos sobre o problema, comentou ironicamente: — Eles querem mas é preços europeus...!

E a gente que se amole!

Júlio Mendes

Novos Assinantes de «O GAIATO»

O nosso jornal continua a fazer fogo em muitas almas. E são já tantos os que não guardam só para si a sua Mensagem! Vão por aí fora, como Paulo de Tarso. Ousados!

Évora:

«Consultei uma pessoa amiga, também interessada em conhecer melhor a vossa Obra, no sentido de assinar o vosso jornal. Acedeu e aqui vai o nome e morada.»

Viseu:

«Uma amiga minha, que conhece a Obra só de ouvido, quer conhecê-la através de O GAIATO e começar a «viver o Evangelho» através da Obra da Rua. Aliás ela sabe viver o Evangelho na sua vida particular, pelo que confio nela.»

Vilarrinho do Bairro:

«Os meus votos de que continueis fiéis à mensagem de Pai Américo.»

No meu novo campo de trabalho procurarei estar unido convosco e O GAIATO é palavra amiga que faz despertar. A vossa palavra, porque radica no Evangelho, tem força revolucionária que toca o coração de muitos.

Envio 100\$00 de pessoa amiga daqui que quer estar convosco, como assinante de O GAIATO. A medida que isso seja possível eu falarei de O GAIATO e da necessidade de o ler com olhos cristãos.»

Riachos:

«Por contacto com um companheiro de trabalho, com o qual todos os dias confraternizo ao almoço, vim a apreciar e tomar a feliz ideia de assinar o vosso tão elucidativo jornal, lutador pelo amor ao

Próximo, qualidades estas que eu muito aprecio, pois que sou, sempre fui, desde miúdo, respeitador dos Mandamentos da Lei de Deus.

Em minha casa, o vosso jornal é lido com avidez, pois é a única leitura que minha esposa lê com interesse.

Gostaria de ter mais livros da personalidade e Obra do fundador da vossa Casa, pois só tenho uns breves apontamentos, neste contexto gostaria e agradecia que me enviassem uma lista com a existência para eu escolher e mandar vir a pouco e pouco.»

E que dizer daqueles que não precisam de muletas?

Ouçam o Porto:

«Depois de acabar de ler o vosso jornal, embora não seja o primeiro que compro, nunca tinha avaliado bem o que nele vem escrito.

Pois venho pedir-vos que me aceitem como assinante de O GAIATO.

Envio-lhes a mínima quantia de 50\$00 pois não tenho muitas possibilidades, embora trabalhe. Tenho 21 anos e tenho que ajudar os meus pais. Mas sempre que me seja possível enviarei mais.»

E, por fim, Benedita:

«Embora seja ideologicamente socialista, acho que a existência da Casa do Gaiato é algo de positivo. Pena é que não hajam outras Obras do género.

Comprei, há dias, numa rua de Coimbra, o vosso jornal. Gostei.

Gostaria de me fazer assinante. Sendo assim agradecia que me enviassem o jornal regularmente, que oportunamente pagarei a assinatura.»

Júlio Mendes

Partilhando

«Coisas» do dia-a-dia. O sal está sempre na ementa... E é preciso que nunca deixe de salgar, sem salgar demais! O tempero requer medida. Lutemos pela justiça que até as pedras falarão de Amor... O essencial!

O «Vieirinha» quis agarrar umas pombas que, levadas pela fome ou pelo frio, com certeza foram procurar alimento ou calor na casa da eira. Janelas fechadas e as portas também, há que partir ripas de madeira e abrir e saltar. Eis um

pombal, duas pombas e um «borrachão»... Que cenário! Duas ripadas finas em duas mãos «grossas», valerá?!...

«Lourinho», durante a refeição, agrediu o Ulisses «sem querer». As armas são feitas pelo Homem, a partir do nada e de tudo... Um garfo, uma pedra ou um pau! Na hora da justiça — só pela palavra — o agressor chorava pelo mal... Ainda acredito que na educação não há sistemas já cozinhados! Mas é um preço bem caro, tal fé!

O Félix, há dias, recebeu vinte escudos duns senhores visitantes. Perdeu a cabeça...

Façamos, agora, um pequeno resumo das presenças inscritas nas últimas três semanas, à volta de 90 novos assinantes!

Passa, agora, uma lista de Rio Maior e uma série de Moncorvo. Mais Anadia, Espinho, Tomar, S. João da Madeira, Coimbra mais do que uma vez, S. Romão, Albufeira, Vila Nova de Foscoa, Boelhe, Loures, Setúbal várias vezes, S. Mamede de Riba Tua, Cascais, Castelo Branco, Ermesinde, Venda da Serra (Ferreira do Zezere), Vila das Aves, Águas Santas, Castro Verde, Parede, Mem Martins, Travanca (Armamar), Alhandra, Póvoa de Santa Iria, Murtais (Maфра), Aveleda (Braga), Palmela uma data deles, Vilar de Andorinho (Gaia), Baixa da Banheira, Portalegre, Afife, Paredes, Bragança, Tavira e Oeiras. Porto e Lisboa, como não podia deixar de ser, seguem bem representados.

E nem os gastou, nem os perdeu, nem entregou. Milagre! Depositou-os no cofre da Capela! Que devoção!... Valhano Deus e a nossa ingenuidade também...

Agora aparece o Rogélio — o nosso cozinheiro-mor — a queixar-se que o seu «Kung-Fu» Ele deslocou um osso do braço! Olhem que pena! Ter ele, agora, que deixar o «karaté» p'ra lá, ao menos naquelas «horas de ponta» de servir o almoço e o jantar, se não é para qualquer criatura ter pena! Exibições só... E um «toldo» muito bom! Cozinha alegre... Que o diga a Senhora D. Virgínia!

Afinal a vida tem muito sal e não só... O que importa é não desviarmos a atenção do seu amargo-doce — o prato forte!

Padre Moura

Despertar as crianças para os graves problemas sociais

«A carta que se segue — tão oportuna! — seria pecado d'omissão não a dar à luz imediatamente.

Ouçamos:

«Sou desde muito novita leitora e grande admiradora de O GAIATO.

Há pouco tempo lembrei-me de o trazer à Escola onde trabalho e falar nele e na Obra da Rua aos meus alunos, pois é necessário começar a despertar as crianças — futuros homens de amanhã — para os graves problemas sociais.

Eles mostraram grande interesse e desejam conhecer melhor a vossa Obra. Lembrei-me encomendar algum livro sobre ela, pois sei que existem, mas aqui não consigo encontrar e, por isso, peço o favor de mo enviarem.»

Além da credencial — «sou desde muito novita leitora e grande admiradora de O GAIATO» — sublinhamos o interesse pedagógico desta senhora: «é necessário começar a despertar as crianças — futuros homens de amanhã — para os graves problemas sociais».

A sua carta afirma, com simplicidade, uma verdade profunda e clara como água: mal iria o homem, desde pequeno e com a mesa posta três ou quatro vezes ao dia, se não conhecesse e não se interessasse praticamente (que de palavras anda o mundo cheio!) pelas amarguras e angústias dos seus Irmãos em necessidade — os Pobres.

Está no bom caminho, prezada leitora. Não perca o entusiasmo. Presta às Crianças e ao País um serviço inestimável.

E tome nota: nós que fomos da Rua e sofremos a Rua como Marginais, o Pai Américo às vezes pegava-nos no braço, levava-nos de visita aos barredos; e, assim, sem dizer formalmente o alcance da acção, abria-nos os olhos da alma.

Aqui está!

Júlio Mendes

própria natureza. Estarmos atentos uns aos outros de forma a que os fracos sejam amparados e amados, deveria ser a atitude de todos. E porque assim não é, a vida é tão pobre.

Que a Páscoa deste ano realize algo no coração dos homens. Que Cristo esteja mais vivo dentro de nós para que o amor reine e haja mais FESTA nesta Terra.

Padre Abel

CALVÁRIO

Cont. da PRIMEIRA página

Mas, apesar de tudo, sabemos que este poiso continua a ser meta desejada, sinal positivo e redentor.

● Não sei por que porta ela entrou. Só advertimos quando ela já estava bem incubada no corpo débil de alguns Doentes. Uma epidemia de gripe feroz invadiu-nos, pois, o Calvário neste começo da Primavera. E a tal ponto que cerca de meia centena de Doentes estiveram a escaudar dias a fio. Houve complicações pulmonares. Houve concertos de tosse. Houve gemidos e pranto por todos os lados. E o pior foi cair igualmente de cama a totalidade dos que ainda vão andando, incluindo mesmo todos os que se dedicam voluntariamente a esta causa.

Escapei eu, como o criado de Job, para vos vir aqui narrar a tragédia. Porque o foi na verdade. No pavilhão de senhoras járazia completa. Quando ali entrei naquela manhã, ninguém de pé e ninguém para servir a refeição. Não tive outro remédio senão arregaçar mangas e servir as refeições durante dias.

Eu sei que isto de a gente se dar sem interrogações, aos Outros já passou de moda. A leitura que hoje se faz do Evangelho é mais para ser discutida, partilhada, do que para ser vivida. Mas mesmo assim cá vamos andando.

Nesta emergência muito nos valeu a presença amiga e espontânea de quem rouba alegremente algumas às horas do seu tempo. Bem hajam.

Padre Baptista

Reflectindo

Neste momento em que crevo, vai sensivelmente a meio a «tournée» da Festa de Paço de Sousa. Estivemos em Penafiel, Amarante, Espinho, Aveiro, Famalicão, Porto, Monção e Arrifana. Em todo o lado temos recebido o mesmo carinho.

As Festas são um momento de encontro com os Amigos das terras onde vamos. Elas são um diálogo entre o palco e a plateia. Não são propriamente um espectáculo, porque esta palavra fala de espectadores e da passividade da parte destes. E não há passividade de nos que vão estar connosco. A sua alegria, os seus aplausos, vão até aos bastidores e atingem o coração de cada Gaiato. São, pois, as nossas Festas, ocasião para dar e receber alegria e, por isso, todos saem delas felizes.

Temos ido por aí fora neste tempo da Quaresma. Tempo de reflexão interior, tempo de preparação para passar da

morte à Vida, tempo em que mais uma vez somos chamados a um viver mais autêntico. Por isso, a nossa caminhada festiva, nesta época do ano, tem redobrado sentido e a vivência das nossas Festas poderá ser uma bela reflexão quaresmal, porque elas são momentos em que o amor é rei.

Quisera dizer-vos da alegria dos nossos «Batatinhas», dizendo uns para os outros: — Amanhã vamos a Braga. Mas o brilho dos seus olhos não cabe nas minhas pobres palavras. Quisera também dizer-vos da preocupação de outros já mais velhos, ao pensarem que já faltam poucas Festas, mas também não sei. Apenas vos posso falar na pena que sinto por os homens empregarem tantas vezes mal a sua vida. Por desperdiçarem tantas vezes as horas longe da verdadeira felicidade.

A inter-dependência dos homens está impressa na sua

FESTAS



Miranda do Corvo: O ano passado foi assim. Que bem! O programa deste ano está na forja.

«Ex.mos Senhores e Ex.mas Senhoras... Cá estamos mais uma vez na vossa agradável companhia...»

Estivéramos nós num palco e esta seria uma bela entrada para um apresentador. Mas calma! Ainda a «procissão» vai no adro e quem dera que os foguetes venham depois. Pois é, mas não é já só um sonho, a realidade está iminente, ainda que todos sonhemos e tenhamos pesados pesadelos de «baracas» escandalosas, acompanhadas dos tradicionais ovos podres e não menos podres laranjas.

Os do Norte lá andam em romaria. Depois virá o Centro; e por último o Sul.

Escrever papéis, decorar papéis, criticar papéis, rir-se dos papéis...

— Oh! meu Deus, callem-se! Deixem-me escrever!

Desculpai leitores que não é convosco, é aqui com estes... estes... sei lá, estes «barulhosos», pois que barulhentos não é atributo certo, pois não exprime a qualidade suficiente que os identifique.

Hoje vou começar a dançar... Não se riam por favor. Eu sei que não sou nenhum bailarino.

Mas que quereis? «Em terra de cegos quem tem olho é rei». Gaba-te cesto roto...!

O João, esse sim, para o folclore «não há pai». Inda esta noite sonhou que o sr. Pe. Horácio tinha mandado que ele fosse escrever para O GALATO, mas quem escreve sou eu. Oh! desventura! Bem que ele podia dar umas palavrinhas sobre as danças que, atarefado ainda a ouvir e imaginar, há-de ensaiar. Bom, não sei se poderia? Ficáveis depois com a boca doce e seria difícil superar essa doçura e o melhor amor é sempre o primeiro.

Mas eu digo-vos: teremos tudo. Até para meditar, mas meditar a sério. Até para rir, mas rir a (não pode ser a sério, pois não?)... mas rir a brincar!

Não, não estou a brincar. Se tendes espírito aberto e ides ver a nossa Festa, tereis uma alegria sã a partilhar com

todos e sairemos mais ricos. Até para amar. Mas amar muito a sério.

Amigo, já viste com certeza que isto é um convite que te faço, ou queres mais explícito? Amigo, vem ver a nossa Festa.

Mas repara, eu digo amigo. E agora, como a máquina de escrever, o gira-discos, o gra-

vador e a inspiração esperam por mim terei que vos deixar.

P. S. — Diz um que leu isto: — O que está à tua espera é o almoço, por isso é que acabaste.

Oh! que desculpa! Talvez ele tenha razão. É uma hora e cá almoça-se ao meio-dia.

«Lita»

ZONA NORTE

20 de Abril — Teatro Avenida — VILA REAL
24 » » — Domingo, às 18,30 — COLISEU DO PORTO

ZONA CENTRO

30 de Abril — Salão dos Bombeiros
MIRANDA DO CORVO
1 de Maio — Às 15,30 e 21,30 — Teatro Avenida — COIMBRA
3 » » — ANADIA
6 » » — Cine-Teatro — TOMAR
7 » » — Casa do Povo — MIRA
9 » » — Teatro-Cine — COVILHÃ
10 » » — Cinema Gardunha — FUNDÃO
11 » » — Cine-Teatro — CASTELO BRANCO
14 » » — CANTANHEDE
16 » » — Teatro Casino Peninsular FIGUEIRA DA FOZ
19 » » — MEALHADA
26 » » — Teatro José Lúcio da Silva LEIRIA
27 » » — LOUSÃ
29 » » — ARGANIL

Os bilhetes estão à venda em cada uma das referidas salas

Páscoa

Cont. da 1.ª pág.

a prece a que nos reportamos e traduzimos simplesmente por assistindo!

Qual foi o povo, em dois mil anos de era cristã, que já fez esta experiência de contar com Ele, com a Sua assistência física, para a realização de uma cidade firme?

Realmente não é fácil ao Homem ajudar o Irmão e deixar-se ajudar por ele, concretizando assim a fraternidade que uns aos outros nos liga e compromete. Jesus é o Irmão Universal, o Único elo da união entre os homens. Primeiro é necessário aceitar a fraternidade que Ele nos oferece, para nos tornarmos aptos a assumir o teor fraterno que deve temperar toda a relação humana. «Sem Ele nada é possível; com Ele nada é impossível» — deixou-nos em testamento Pai Américo para que «recordássemos a toda a hora». «Neste sentido — continua ele — o padre da rua não aceita dúvidas. É um obreiro do Senhor que vê a Obra feita antes de começada».

Pai Américo é um dos que aqui e agora demonstrou — e continua demonstrando — que

a utopia afinal é possível. E nem sequer é indispensável a perfeição absoluta de cada um, nem a adesão numericamente exaustiva de todos. Deus conta com a boa vontade e diligência dos homens e supre a sua fraqueza e limitação.

Indispensável é o que o Homem se considere sempre na sua dimensão. Correr para a meta, sim. A perfeição e a glória é algo que vem além da meta — uma metacondição para que se tende, sem nunca a atingir senão depois de ultrapassados, astante Deo, o espaço e o tempo que aqui e agora nos cingem.

Mais que dos planos maços de palavras e vazios de alma que os importantes do mundo debitam torrencialmente, depende do projecto interior, voluntarioso, de cada homem, o advento do desejado Reino de Justiça, de Amor e de Paz, que só no Coração de Jesus tem a sua origem e o seu fim.

Para todos, que nos amem ou nos ignorem, uma Páscoa consciente e responsável da missão pascal que dá ao Homem a sua razão de viver.

Padre Carlos

Tribuna de Coimbra

Cont. da 1.ª pág.

de camionetas e rouba o que pode.

Toda a gente daquela vila anda inquieta. O Pároco já tinha telefonado. Agora estava este grupo a insistir e a dizer que era uma grande obra de misericórdia.

Pedi para não me massacrem mais e apeteceu-me gritar por justiça e amor, pois só a misericórdia alheia não basta.

● Nesta semana pascal em que todos desejamos Boas Festas uns aos outros e eu

quero fazer os mesmos votos, não posso deixar de pedir ao Senhor Jesus ressuscitado que dê a todos nós mais Luz de inquietação para darmos solução de vida a todas as crianças abandonadas, aos casais que não são capazes de criar

e educar os filhos, às mães abandonadas que não podem ter consigo os filhos, aos esposos prostituídos para que renunciem e aceitem a vida que os uniu.

Padre Horácio

PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa